

[Digite aqui]

[Digite aqui]

[Digite aqui]

ÍNDICE

1. A Serpente Negra
2. A Garota Morta
3. O Amante
4. O Bar da Tonha
5. A Menina
6. O Médico e o Monstro
7. Patinhas
8. Mundo Louco
9. A Grande Mentira
10. Noite de Terror
11. A Investigação
12. Os Sacos Pretos
13. Legítima Defesa
14. A Conspiração
15. Ação e Reação
16. A Casa Caiu
17. O Flagrante
18. A Italianinha
19. A Enchente
20. Desgraça em Família
21. Vida Nova
22. Epitáfio

1. A SERPENTE NEGRA

O rio serpenteava como uma grande serpente entre as montanhas contrastando suas águas escuras com o verde das encostas da Mata Atlântica. Suas voltas volumosas enrodilhavam-se em torno da cidade de Morro Alto, por vezes atravessando-a, por outras, abraçando-a voluptuosamente. Houve um tempo que suas águas piscosas faziam a alegria dos ribeirinhos e davam passagem às tropas de muares que seguiam rumo aos estados mais ao norte, para dar força principalmente a indústria paulista e paranaense. O Rio Águas Negras já foi um corredor de barcaças que transportavam todo o comércio da Serra Catarinense e suas águas lavaram muitas feridas dos embates do Contestado. Hoje isso é história, quase esquecida e suas águas barrentas ainda impressionam por seu volume e feroz correnteza, que fez a desgraça de muitos que às desafiaram.

O frio imperava no alto da serra e as crianças saltitavam sobre poças congeladas para ouvir o gelo fino estalar. O vento gelado desanimava barqueiros ou pescadores a se aventurarem sobre as águas geladas do Rio Águas Negras. As barrancas escorregadias acolhiam a cerração matinal em mais um dia turvo que não pressagiava eventos trágicos, mas foi o que aconteceu naquela manhã sombria.

Acostumado a sair cedo em busca de trabalho ou arriscar uma pescaria nas águas mais rasas, o morador do bairro à beira rio lançou sua linha entre os aguapés na esperança de apanhar uns lambaris, ou quem sabe, até uma traíra gorda. Já no segundo arremesso sentiu que o anzol se enroscara em alguma coisa, talvez um galho de árvore no fundo do rio. Aborrecido e não querendo perder a linha e o anzol, deu mais uns puxões, sentindo que o peso se afrouxava e o que quer que fosse se

deslocava para a superfície. A princípio persistia na ideia de que era apenas um galho podre, mas ao arrastar com firmeza percebeu que era um volume grande e aparentemente mole que aos poucos se deslocava do fundo. Já imaginava que fosse algum bicho, um cachorro talvez, até que o volume aflorou à superfície, mais parecendo uma trouxa de roupas. Ao trazer mais para perto, um arrepio mais gelado que o dia agourento percorreu sua espinha, ao ver que a “trouxa” tinha pernas, braços e uma cabeça. Uma cabeça que, apesar de um pouco inchada pela água, ainda era bela.

2. A GAROTA MORTA

O Investigador Barbosa estava acostumado com chamados para verificação de corpos de afogados retirados do rio, mas algo não condizia nesse caso, pois isso só era comum no verão, quando muitos se banhavam nas águas turvas e traiçoeiras. O corpo foi conduzido ao necrotério no hospital da cidade e entregue ao serviço do Doutor Prado, médico local que fazia às vezes de legista.

Em que pese os comentários na cidade de que o Doutor Prado era acostumado a comer carne de gato, era evidente que sua dieta devia ser por demais restrita, diante da sua magreza aparente. Se ele fazia ou não “churrasquinho” de bichanos, ninguém podia confirmar, no entanto curiosamente quase não se viam gatos nas redondezas da morada do doutor. Talvez isso fosse apenas para afastar os barulhentos felinos durante o repouso do médico que cumpria horários de trabalho bem diversos.

O policial não ficou surpreso com o relatório do legista, atestando que não se tratava de morte por afogamento, uma vez que os pulmões estavam vazios. Não causou espanto, mas certa indignação, saber que era uma jovem, aparentemente entre 13 a 15 anos de idade, com marcas de inúmeras escoriações e sinais evidentes de violência física e sexual. Barbosa perguntou-se se estaria se defrontando com um caso de ataque sexual, os chamados “tarados” que vez por outra são citados nos jornais. O primeiro passo seria identificar a vítima e, certamente, sua família e daí apurar os acontecimentos que resultaram em sua morte.

As roupas da menina morta apontavam uma origem bem humilde, pois se tratava de apenas um vestido barato sobre um corpo desnudo sem mais nenhuma peça íntima que pudesse dar alguma pista. A morte se dera antes do corpo ser jogado no rio, onde permanecera poucos dias, segundo o legista. Barbosa previa uma longa caminhada para solucionar o caso, mas esperava encontrar a ponta do "fio da meada", um jargão que gostava de se utilizar.

O Investigador Barbosa, um mulato carioca que se radicou no Sul, se orgulhava da sua carreira como policial em mais de duas décadas de trabalho, onde conquistara a confiança de seus colegas e da população, com seu jeito de "tiozão" tranquilo. Casado com Dona Marilda, de ascendência polonesa, vivia o encanto do claro e o escuro da miscigenação das raças, muito comum na região, onde se dizia que a cidade era uma ilha cercada de "polacos" por todos os lados. Dois belos filhos resultaram do seu casamento, uma bela adolescente e um rapaz já adulto, estudando na Capital.

A figura da moça morta era uma realidade diferente. Seus traços bonitos nada tinham de origem europeia ou africana, a não ser pela cor os seus olhos claros, quase verdes, com seus longos cabelos negros e sua pele acobreada indicando uma mistura cabocla, também natural do lugar. A colonização europeia, com alemães e poloneses ocorrera décadas após a posse do lugar pelos desbravadores portugueses que misturaram seus genes com os aborígenes nativos, da raça caingangue, originando o que se convencionou chamar de caboclo. Com essa definição, Barbosa já podia levantar a "ponta do lençol" que encobria os fatos, tendo como ponto de partida para uma investigação junto às famílias pobres e de origem cabocla.

Entretanto a tarefa seria hercúlea, pois era grande o número de moradores de origem cabocla nos bairros da cidade, sem contar ainda a possibilidade de que a bela jovem estivesse apenas de passagem, em trânsito para outras localidades, aqui encontrando seu triste fim.

Barbosa procurou o médico Prado, em busca de mais informações.

- Diga lá, doutor, o que mais o senhor pode me esclarecer sobre a morte dessa moça? Eu li seu relatório, mas a gente sabe que aquilo é muito formal e não diz tudo!

- Pois é Barbosa, o que eu posso te dizer é que essa menina vinha sofrendo violência sexual há algum tempo! Além das luxações no corpo, ela apresenta ferimentos internos que já começavam a cicatrizar, sinal de que foram feitos antes do dia de sua morte! E as marcas no pescoço, apesar dela ser pequena e frágil, indicam que foram feitas por mãos grandes e muito fortes, pois sua traqueia foi quase esmigalhada! É realmente um quadro terrível de violência!

- Espera aí, doutor! O senhor está me dizendo que antes de ser morta a menina já sofria violência sexual? Então não se trata de um ataque de um tarado, mas de outra coisa! Será um daqueles casos em que é abusada por alguém da família? Mas não é comum esse tipo de abusador matar a vítima, geralmente um parente próximo, a não ser que tenha havido uma briga por ciúmes e a coisa fugiu do controle! - cogitava o policial.

- É, as hipóteses são muitas e eu não sou policial, mas como médico concordo que não é o caso de um único ataque que

terminou em assassinato. Posso acrescentar ainda que ela estava muito desnutrida e a dosagem de álcool no sangue era elevada, isto é, ela estava alcoolizada!

- Deus do céu! A coisa só piora, doutor! Uma jovem fraca e desnutrida, aparece morta, violentada por diversas vezes e ainda por cima alcoolizada? O que lhe parece, doutor Prado, não é evidente o quadro de sequestro ou de cárcere privado?

- Isso eu não posso lhe garantir, Barbosa! É área de atribuição policial verificar essas hipóteses! Eu só posso fornecer aquilo que está dentro do meu campo médico! - disse o doutor Prado com ar solene.

- Claro, doutor! Eu sei disso, mas é que essas informações são pesadas e fico pensando que essa pequena criatura era filha de alguém! Deve ter uma família que vai sofrer sua falta e mais ainda, quando souber dos detalhes de sua morte! Eu sou policial calejado, mas estou mais acostumado com outro tipo de violência! Isso já é mais do que maldade, é uma covardia! - exaltou-se Barbosa.

O corpo encontrado no rio foi notícia na rádio local e o Delegado de Polícia, Emílio “Braddock” Ribeiro, foi procurado pelo jornalista local, Silas Faria, para maiores detalhes. Baixo e atarracado, com um vasto bigode, o delegado pouco lembrava o personagem de filmes de ação, entretanto suas atitudes espalhafatosas, com um Colt calibre 45 sempre no coldre sob o braço - a sua “letal weapon” com alto “stop power”, valeu-lhe o apelido.

O chefe da polícia limitou-se às informações colhidas pela investigação de Barbosa, sem os detalhes apurados com o legista, ressaltando que esperava que a população contribuísse com novas pistas sobre a moça morta, pois alguma família, em algum lugar, deveria estar a sua procura.

. Ele, mais dois policiais da polícia militar e o investigador Barbosa passaram um “pente fino” no local onde o corpo foi encontrado, acompanhados por alguns repórteres da rádio e do jornal e muitos curiosos. A lama amarelada da barranca do rio ocasionou algumas derrapagens e tombos aos policiais, com o riso abafado das testemunhas. Duas canoas dos moradores ribeirinhos foram recrutadas para fazer o levantamento dentro da água. Parecia a cena de investigação criminal de um filme policial, bem ao gosto do Delegado. Só viram lixo no meio dos aguapés, nada que servisse como pista e voltaram frustrados, com barro nos calçados e muita sujeira nas roupas.

3. O AMANTE

O que o Investigador Barbosa não sabia é que enquanto ele escorregava na lama do rio, o jornalista Silas Faria visitava discretamente sua casa, onde “escorregava” entre as pernas de Marilda. Provavelmente foi algum tipo de atração racial, pois ambos eram de origem polonesa, ou a esposa do policial gostava de variar o cardápio. Solteirão e de boa lábia, graças ao seu trabalho Silas gozava de muita liberdade e tempo fora do escritório. Quando fazia suas “rondas” incluía uma visita de tempos em tempos a Dona Marilda, tudo cuidadosamente combinado por telefone. Ter relações com mulher casada, sabia o jornalista, era de alto risco, ainda mais em se tratando de esposa de um policial, mas ele gostava da emoção de “viver perigosamente”, assim pensava.

Silas percebeu que a morte da garota encontrada no rio daria uma excelente matéria para o jornal, único da cidade, sempre noticiando aniversários e uma ou outra matéria sem maior importância. O alvo preferido das críticas era sempre o prefeito Nereu, que se elegera com boa margem, graças a sua popularidade e apoio dos figurões da cidade. Mas como sempre acontece em política, existem aqueles insatisfeitos que discordam do governo e isso proporcionava muitas críticas que davam margem a muita matéria para o jornal. Já havia quem culpasse o prefeito até pela morte da menina, mesmo sem motivo.

Tudo era ainda muito nebuloso, pois nem a identidade da vítima tinha sido revelada. A polícia tateava no escuro e o pouco que o jornalista apurava mal dava para uma matéria de peso, mesmo assim ele preparou um texto publicado no final de